

O Sul global no mundo desigual: a história do g7+ (Resenha do livro “Fragile States’ in an Unequal World”)

The global South in the unequal world: the history of g7+ (Review of the book “Fragile States’ in an Unequal World”)

DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.134809>

Marina Bolfarine Caixeta
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil
marinabolfarinecaixeta@gmail.com  

Resumo

O livro “*Fragile States’ in an Unequal World: the role of the g7+ in International Diplomacy and Development Cooperation*” de Isabel Rocha de Siqueira da PUC-RJ é uma contribuição para o campo de estudos das Relações Internacionais. O livro traz boas contribuições para pensar o Sul global na atual política internacional. A narrativa inova ao focar o lado humano da ‘política’ (*big politics*), a partir de um trabalho de pesquisa realizado junto à organização intergovernamental g7+. Um traço distintivo da obra é sua abordagem metodológica ao trazer para o debate temas e agendas por meio das ‘histórias de vida’ (*storytelling*), fruto das reflexões e propostas realizadas pelo Laboratório de Metodologia (LabMET) coordenado pela pesquisadora. Também, uma reflexão conceitual sobre os Estados frágeis, abarca questões teóricas, metodológicas e de posicionamentos pessoais e subjetividades que estão presentes nos bastidores da política internacional. O g7+ é um tema de grande relevância para este cenário em que o Sul Global se projeta sobretudo na Agenda 2030 que pretende “não deixar ninguém para trás”.

Palavras-chave: Sul global; g7+; Estados frágeis.

Abstract

The book “*Fragile States’ in an Unequal World: the role of the g7+ in International Diplomacy and Development Cooperation*” by Isabel da Rocha de Siqueira from PUC-RJ is a contribution to the field of International Relations studies. The book is a contribution to thinking about the global South in current international politics. The narrative innovates by focusing on the human side of ‘politics’ (*big politics*), based on research work carried out with the intergovernmental organization g7+. A distinctive feature of the work is its methodological approach in bringing themes and agendas to the debate through ‘life stories’ (*storytelling*), which results from the research experiences and proposals within the Methodology Laboratory (LabMET) coordinated by the researcher. Also, a concept discussion on fragile States, covers theoretical and methodological issues besides personal impressions and subjectivities that are present behind the scenes of international politics. The g7+ is a topic of great relevance to this scenario in which the Global South is focused mainly on the 2030 Agenda, which aims to “leave no one behind”.

Keywords: Global South; g7+; Fragile states.

Recebido: 15 Agosto 2023
Aceito: 18 Outubro 2023

Financiamento: CAPES - Bolsa PNPD

Conflitos de interesse: A autora não reportou potenciais conflitos de interesse



Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuição sob os termos da Licença [Creative Commons de Atribuição Não-Comercial Compartilhá-Igual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite seu uso, distribuição e reprodução em qualquer meio bem como sua transformação e criações a partir dele, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. Ainda, o material não pode ser usado para fins comerciais, e no caso de ser transformado, ou servir de base para outras criações, estas devem ser distribuídas sob a mesma licença que o original.

O trabalho de pesquisa publicado por Isabel da Rocha de Siqueira é uma contribuição para o campo de estudos das Relações Internacionais (RI) tanto por abordar uma questão tão controversa quanto marginal na atual política internacional, quanto por adotar uma narrativa científica que ressalta o caráter humano da política (*big politics*). Em linha com Messner e Weinlich (2016), o fator humano nos estudos das relações internacionais nos permite entender aspectos e elementos da cooperação global, fazendo avançar o campo da pesquisa.

O livro consegue destacar e problematizar temas e agendas importantes da cooperação internacional para o desenvolvimento (CID). Por meio das ‘histórias de vida’ (*storytelling*), adota-se uma perspectiva analítica mais microsocial e sensível, questões como o tecnicismo excludente da gestão de projetos e programas (monitoramento e avaliação), as inequidades expressas na política e, mesmo, as reflexões críticas advindas da prática internacional desde uma posição marginal. Novos elementos resultam dessa escolha metodológica que acessa depoimentos de quem age e pensa no cotidiano da política internacional, entre os corredores e as formalidades do sistema ONU.

Os Estados frágeis que integram o g7+ é um tema de grande relevância para os atuais debates sobre a diplomacia e o desenvolvimento dos países. As problemáticas atinentes aos países na periferia do sistema são singulares. Este é o caso, por exemplo, da OCDE que cria uma classificação para monitorar a fragilidade dos Estados considerando cinco dimensões (econômica, ambiental, humana, política, de segurança e social) e revela que os contextos frágeis acometem 24% da população mundial e 73% das pessoas que vivem em extrema pobreza¹. E, também, da Agenda 2030, que tem como lema “não deixar ninguém para trás” e, portanto, deve focalizar tais realidades.

A organização intergovernamental g7+² – com letra minúscula para não ser confundida com o g7 que se situa no polo diametralmente oposto do cenário político internacional – expressa instabilidade política, baixa produtividade econômica e desenvolvimento humano relacionados ao fato de que são afetados por conflitos. Em um mundo cada vez mais desigual, as desigualdades de renda e riqueza, conforme o *World Inequality Report* (WID), mostram-se ainda mais preocupantes no Sul global. Conforme prefácio do livro, Xanana Gusmão, ex-presidente e primeiro-ministro do Timor Leste, o mundo ser considerado pacífico depende do referencial, pois enquanto o mundo é visto como pacífico posterior à Segunda Guerra Mundial por parte dos países do Norte, os do Sul vivenciam hostilidade, instabilidade e caos, como consequência de um passado colonial que gerou guerra civil, crises naturais, fragilidades e pobreza.

A partir das reflexões sobre Metodologia nas Relações Internacionais levadas a cabo pelo Laboratório de Metodologia (LabMET), a história (memória) do g7+ contada no livro busca resgatar ontologias alternativas e mostrar o que costuma ser apagado da história rumo à “compreensão não disciplinante do método” (SIQUEIRA *et al.*, 2018). A pesquisa mais do que localizada no lugar geográfico e político do Sul global, retrata com sensibilidade as dificuldades compartilhadas pelos sujeitos que vivem a condição periférica em relação às linguagens e ao conhecimento técnico hegemônico, à realidade social do silenciado no espaço da política (internacional).

Assim, Estados frágeis é uma autodenominação que existe desde 2010, quando a organização foi fundada. Siqueira (2022) explica que esse termo “frágil” é controverso, muitas vezes vem acompanhado da expressão “países afetados por conflitos” (*conflict-affected*). No entanto, como parte da origem do grupo, ele pode ser visto, ainda, como uma identidade adotada para fins políticos. Tal qual proposto por Mignolo (2008), no âmbito do movimento decolonial que questiona as bases da moderna teoria política, racista e patriarcal, por ela negar o agenciamento político às pessoas (e sociedades) classificadas como inferiores. Pode-se dizer que a condição de permanente situação de conflito está fortemente enraizada no sistema colonial e nas desigualdades geradas por ele – a colonialidade do poder, saber e ser.

Este livro é resultado da experiência da autora como pesquisadora das Relações Internacionais e profissional, que atua junto à organização intergovernamental g7+ e ao Escritório das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul

¹ Mais em <https://www.oecd.org/dac/states-of-fragility-fa5a6770-en.htm>

² O grupo dos 7 mais (g7+) é constituído atualmente por 20 Estados indo da Ásia, África, ao Pacífico e o Caribe, a saber: Afeganistão, Burundi, República Centro-Africana, Chade, Comoros, Côte D’Ivoire, República Democrática do Congo (RDC), Guiné, Guiné Bissau, Haiti, Libéria, Papua e Nova Guiné, São Tomé e Príncipe, Serra Leoa, Ilhas Salomão, Somália, Sudão do Sul, Timor Leste, Togo e Yemen.

(UNOSSC). Daí seu interesse por aspectos tanto técnicos-operativos, quanto subjetivos, com especial atenção para os agentes que costumam ser ocultados nesse campo de estudos.

O livro é composto por sete capítulos, incluindo uma reflexão final. O primeiro capítulo intitulado “um livro sobre as pessoas: as histórias do g7+” traz uma provocação, inspirada na frustração desses sujeitos, de que a História, no singular, é aquela contada pelos especialistas, acadêmicos e autoridades, enquanto as Estórias, no plural, constituem-se pelas memórias (impressões e percepções) dos indivíduos e seus coletivos sobre os fatos vivenciados. Intitulado “Um livro sobre as pessoas”, o capítulo, reforça a visão dos bastidores desses sujeitos. O tom da discussão é feito por uma reflexão sobre as ameaças físicas à sobrevivência humana: o mundo do desenvolvimento tem sido caracterizado por categorias enganosas (marcos, fórmulas orçamentárias, conhecimento especializado, modalidades de financiamentos e povos), mas ele também é feito por agentes humanos, profissionais humanitários e de segurança que movem essa estrutura.

No segundo capítulo, a discussão gira em torno de como os representantes dos países membros do g7+, em Nova Iorque, buscaram voz para seus países. Como “diplomatas acidentais”, ou seja, que se fazem por exigência das causas, os objetivos que perseguem são grandes desafios como mudar a narrativa internacional sobre fragilidade dos países, promover a soberania nacional, intercambiar experiências sobre os processos de paz e modificar o comportamento e a relação com os países doadores. Para tanto, eles buscaram conquistar confiança, acompanhar as agendas dos países doadores e garantir participação nos espaços de negociação. Em especial, o *status* de membro observador da Assembleia Geral da ONU e a importância do ODS 16 (de paz, justiça e instituições eficazes) na agenda de desenvolvimento global.

No terceiro capítulo, a autora discute criticamente, com base nas histórias de vida, como operar as iniciativas de desenvolvimento, já que isso pode ser um processo bastante excludente. Por trás do tecnicismo, insere-se determinada cultura de gestão das iniciativas, como são as linguagens e lógicas que movem o M&A (monitoramento e avaliação). Algo que não é facilmente aprendido, e reflete (e impõe) uma visão específica sobre o mundo – uma racionalidade universal que tem sido questionada como base para essa “indústria da ajuda” que faz o Primeiro Mundo inventar o Terceiro (ESCOBAR, 2007). Para tanto, além de ser preciso ter paciência para aproveitar e criar as oportunidades de promover uma cooperação, reconhece-se a solidariedade como importante estratégia de sobrevivência.

O quarto capítulo chama atenção para a importância do agir conjuntamente. Conceber a cooperação como um valor e, ao mesmo tempo, uma prática necessária à atuação na política internacional, é, também, uma forma de lutar pela justiça social. A importância da demanda do g7+ de centralizar os conflitos (*peacebuilding* and *statebuilding*) na declaração do milênio em 2012 era uma questão específica comum e se contrapunha à obsessão do funcionalismo civil internacional na ONU por cumprir metas e relatar boas práticas uniformemente. A mediação do g7+ nos conflitos na República Centro-Africana em 2014, contudo, é lembrada pelas pessoas como um êxito.

O quinto capítulo encerra o debate controverso e estratégico da denominação “frágil” mostrando a importância da terminologia para a política. De um lado, há a necessidade de uma aliança entre países que vivenciam problemas semelhantes, de outro, o medo e a necessidade de vencer a estigmatização que inferioriza. Aqui o tema do Sul global na política internacional se evidencia. Os atuais blocos que se autodenominam de Sul, como é o caso dos BRICS e do G77, e que ocupam o centro da cena política, tem veiculado as narrativas de que é preciso reformar o sistema multilateral e suas instituições (como é o caso do Conselho de Segurança), de que há dívidas históricas pelos países desenvolvidos em relação à pobreza e às mudanças climáticas – daí o princípio das ‘responsabilidades comuns, porém diferenciadas’ (CBDR em inglês) – e de que as desigualdades que devem preocupar a humanidade não são apenas conjunturais, mas estruturais, não somente entre, mas também dentro dos países.

Conclui-se, nesse sentido, que, em vez da vergonha, está o orgulho desses países e líderes que percebem que o ator inferior e incapaz segundo o crivo avaliativo/analítico dos especialistas internacionais é algo determinado pelo contexto geopolítico do Norte global. No sexto capítulo, destaca-se o senso de dever que os líderes demonstram em seus depoimentos. Aprender, portanto, a língua do *establishment* para apontar certas necessidades e reivindicar coerência entre

o discurso e a prática dos países doadores, é um mais um registro de como a colonização é um traço marcante, ainda nos dias atuais, da dominação em múltiplas dimensões. Ao final, as perspectivas que se abrem a partir dessa discussão conceitual-metodológica e política do g7+, baseiam-se em algumas lições extraídas das histórias subjetivas compartilhadas, como legado para próximas gerações.

Esse é um livro de política internacional que enfatiza o papel da agência (subjetiva, social e humana) em uma estrutura que parece bastante consolidada e difícil de ser alterada. Ele faz parte de algo muito central e característico do século XXI: a projeção do Sul global, constituído por países colonizados, e suas reivindicações por equidade e justiça, afirmações de identidades e realidades marginalizadas, de dar voz àqueles que estavam silenciados, de ouvir o grito dos excluídos. Daí a importância desse livro que singulariza e pauta o g7+ nessa agenda do Sul global, nos chamando atenção para as percepções subjetivas daqueles que compartilham suas histórias de vida.

Referências

ESCOBAR, A. **La invención del Tercer Mundo**: construcción y deconstrucción del desarrollo. Caracas: Fundación Editorial el Pero y la Rana, 2007.

MESSNER, D.; WEINLICH, S. (eds.). **Global Cooperation and the Human Factor in International Relations**. New York: Routledge, 2016.

MIGNOLO, W. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de Identidade em Política. **Cadernos de Letras da UFF** [Dossiê: Literatura, língua e identidade], n° 34, p. 287-324, 2008.

SIQUEIRA, I. R. **‘Fragile States’ in an Unequal World**: The Role of the g7+ in International Diplomacy and Development Cooperation. Cambridge, UK: Open Book Publishers, 2022. <https://doi.org/10.11647/OBP.0311>

SIQUEIRA, I. R. *et al.* (Orgs.) **Metodologia e Relações Internacionais**: debates contemporâneos vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2018. Disponível em: <https://labmetodologia.files.wordpress.com/2018/03/miolo-metodologia.pdf>.

UNOSSC – United Nations Office on South-South Cooperation. **South-South in Action**: South-South and Triangular Cooperation on Peace and Development, 2019. Disponível em: https://www.southsouth-galaxy.org/wp-content/uploads/2019/03/UNOSSC-PeaceAndDevelopment_web.pdf. Acesso em: 16 ago 2023.

Funções de colaboração exercidas

Marina Bolfarine Caixeta:

Conceituação; Metodologia; Validação; Curadoria de dados; Administração do projeto; Visualização; Análise formal; Recursos; Obtenção de financiamento; Software; Investigação; Supervisão; Escrita (primeira redação); Escrita (revisão e edição);

Informações fornecidas pela autora de acordo com a [Taxonomia de Funções de Colaborador \(CRediT\)](#)
